

# o duque mais perigoso de londres

trilogia a sociedade dos duques decadentes / livro um  
madeline hunter

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

*Este livro é dedicado ao meu marido, Warren,  
cujo amor e apoio tornaram tudo isto possível*



## C A P Í T U L O   U M



*Warwickshire, Inglaterra, abril de 1822*

**A** condessa viúva de Marwood podia ser uma inimiga formidável, quando assim o decidia. A sua mera presença desafiava a que a encarassem de ânimo leve, para que pudesse ter uma desculpa para fazer abater a destruição sobre o infrator, só para se divertir.

Adam Penrose, duque de Stratton, soube de imediato o que esperar dela.

A seu pedido, visitara-a na propriedade rural do neto, o conde. *Tentemos enterrar o passado*, escrevera ela, *e deixemos que o que lá vai, lá vai, entre as nossas famílias.*

Ele comparecera, curioso por ver como é que ela o esperava alcançar, tendo em conta que parte do que lá vai não fora a lado nenhum. Bastou-lhe olhar uma vez para ela, e soube que qualquer que tivesse sido o plano que haviam elaborado, este não o beneficiaria.

A condessa deixou-o à espera durante meia hora antes de entrar na divisão. Navegou por fim até à sala de estar, inclinada para a frente, a cabeça erguida, os seios fartos abrindo caminho, como a figura de proa de um navio.

O luto pelo filho, o falecido conde, obrigava-a a envergar vestes negras, mas o conjunto em crepe custara, decerto, uma fortuna.

Abundantes caracóis cinzentos decoravam a sua cabeça, sugerindo que também chorava a morte da moda das cabeleiras. Os olhos rasos, grandes, de um azul-pálido, examinaram o visitante com um olhar crítico, enquanto um sorriso artificial aprofundava as rugas do seu rosto comprido.

— Portanto, voltou. — Ela anunciava o óbvio, enquanto se sentavam em duas cadeiras resistentes, depois do curto inclinar de cabeça dele e da ainda mais curta vénia dela.

— Era tempo.

— Poder-se-ia dizer que já era tempo há três anos, ou há dois, ou até daqui a vários anos.

— Poder-se-ia, mas não o disse.

Ela deu uma gargalhada. Todo o seu rosto estava tenso, não apenas os lábios.

— Esteve muito tempo em França. Agora até parece francês.

— Pelo menos metade de mim, assumo-o, tendo em conta a minha ascendência.

— E como está a sua querida mãe?

— Feliz em Paris. Tem lá muitos amigos.

As sobrancelhas da condessa viúva ergueram-se o suficiente para expressar um divertimento sardónico.

— Sim, suponho que esteja. É de espantar que ela não o tenha casado com um dos seus.

— Parece-me que um par britânico se adequaria melhor a mim. Não acha?

— Acho, sim. Ajudá-lo-á imensamente.

Ele não queria falar acerca da sua mãe ou das razões pelas quais uma sólida aliança o ajudaria.

— Escreveu acerca do passado. Talvez me possa esclarecer quanto a isso.

Ela abriu as mãos, as palmas viradas para cima, num gesto de confusão.

— A animosidade entre as nossas famílias é tão antiga que nos perguntamos como terá começado. É tão desnecessário. Tão triste. Afinal de contas, os nossos condados são vizinhos. Decerto podemos ultrapassar a questão, se quisermos.

Incapaz de ficar sentado a ouvir as referências despreocupadas em relação a essa história, ergueu-se e avançou até às compridas janelas. Estas abriam-se para um jardim espetacular e para os montes mais além, não muito distantes. A casa e os terrenos adjacentes ocupavam um vale raso.

— Como sugere que o façamos? — Fez a pergunta ao mesmo tempo que prendia a amargura na sua mente. A condessa viúva sabia muitíssimo bem porque é que a recente animosidade havia começado e, provavelmente, também conhecia a história mais antiga. Contudo, reconhecê-lo tornaria a sua oferta de paz estranha. *Roubámos a tua propriedade, violentámos a tua mãe e ajudámos a conduzir o teu pai até à morte, mas agora tens de ultrapassar tudo isso.*

Virou-se e constatou que ela o observava. Parecia intrigada, como se ele tivesse feito alguma coisa inesperada e ela não fosse capaz de determinar se ele teria ganho um ponto sem que ela dissesse se apercebesse.

Ele ergueu o sobrolho, para a encorajar a falar.

— Proponho que o resolvamos à moda antiga. Como as dinastias políticas sempre fizeram ao longo dos tempos — disse ela. — Acredito que as nossas famílias se devem unir pelo matrimónio.

Ele quase não foi capaz de esconder o seu espanto. Não estava à espera daquilo, entre todas as propostas possíveis. Ela não se limitava a propor uma trégua, mas antes uma aliança selada pelo mais forte dos laços. O tipo de aliança que podia impedi-lo de continuar a procurar a verdade acerca do papel da sua família na morte do pai, ou de procurar vingar-se, caso descobrisse que as suas suspeitas em relação ao último conde estavam certas.

— Dado que não tenho uma irmã para o seu neto, suponho que esteja a pensar em mim.

— O meu neto tem uma irmã que se adequará perfeitamente a si. A Emilia é tudo o que um homem poderia pedir e daria uma duquesa perfeita para si.

— Fala com grande confiança, no entanto não faz ideia do que *este* homem poderia pedir.

— Não faço? Como se tivesse vivido todo este tempo e nada tivesse aprendido? Beleza, graça, obediência recatada, e um belo dote. Tais qualificações figuram em destaque na sua lista, como na de todos os homens.

A tentação de acrescentar outros requisitos, requisitos que a chocariam, quase levou a melhor sobre o seu bom senso. Só vencia as suas batalhas porque aprendera a nunca permitir que o seu inimigo conhecesse os seus pensamentos.

— É algo que posso encontrar em muitas jovens. Que me diz de sermos sinceros um com o outro? O que há nesta aliança em particular que me possa beneficiar?

— Uma questão arrojada, mas justa. Seríamos aliados em vez de inimigos. Isso beneficiá-lo-ia tanto quanto nos beneficiaria a nós.

— Bem, condessa, ambos sabemos que isso não é verdade. Fui convidado a negociar a paz agora, quando o meu pai nunca o foi no passado. Seria tolo se não me perguntasse por que razão lhe parece que eu estaria disposto a aceitá-lo. Tendo em conta os rumores das minhas atividades em França, posso depreender que acredite que isto irá proteger o seu neto, mas não em que medida me ajudará.

Os olhos dela semicerraram-se. As rugas da sua pele tornaram-se imóveis como se tivessem sido talhadas em pedra. Ela não mostrava qualquer receio. Adam admirou a sua pose forte; por outro lado, ela não acreditava estar em perigo.

A condessa ergueu-se.

— Venha até ao terraço. Mostrar-lhe-ei a minha neta. Quando a vir, compreenderá em que medida o beneficiará.

Ele seguiu-a para o ar fresco de abril. O jardim estendia-se sob eles como uma tapeçaria castanha e vermelha, pontuada por pequenas folhas novas e flores prematuras em tons de amarelo, cor-de-rosa e púrpura. Bolbos, presumiu. Ainda não tinham começado a florir quando deixara Paris.

Num banco de pedra, a cerca de nove metros, por entre as plantas que recuperavam a sua vida, estava sentada uma rapariga. Segurava um livro aberto, erguido de modo a não ter de inclinar o rosto. A viúva devia-lhe ter permitido uma pausa no luto, porque a rapariga envergava um vestido azul-claro. Era bela, e talvez tivesse uns dezasseis anos. O seu cabelo louro cintilava ao sol, e a pele clara e rosto encantador agradariam a qualquer homem. Junte-se um bom dote e serviria perfeitamente.

A viúva erguia-se ao seu lado, a sua expressão uma expressão de suprema confiança. Ele não confiava nela, mas admirava a sua perícia

neste jogo. Admitiu para si mesmo que a oferta tinha as suas vantagens, e não apenas por a rapariga ser encantadora. O nome do seu pai e a honra da família tinham ficado gravemente manchadas nos melhores círculos e, se queria ultrapassar a maldição, aquele casamento ajudá-lo-ia sem dúvida.

Significaria esquecer as razões por que virara as costas a Inglaterra, bem como o único motivo pelo qual regressara finalmente. E que estava, presumiu, relacionado com o facto de a viúva o ter convidado até ali.

— A Emilia tem uma disposição tão doce quanto qualquer rapariga que já conheci. Além disso, é bem-humorada e tem uma boa dose de perspicácia, não fosse temer que ela pudesse ser tola — disse a condessa.

A doce Emilia fingiu não os ver, tal como fingia ler, assumindo uma postura que permitiria a Adam ver-lhe o rosto e a forma. Não estava envolta em qualquer agasalho, nem tinha qualquer touca a proteger a sua pele clara. Perguntou-se quanto tempo teria permanecido ali sentada, naquela posição, aguardando pela inspeção do seu futuro pretendente.

Não sabia porque é que ela não o atraía de todo. Talvez porque, embora encantadora e espirituosa, era demasiado jovem e, tendo em conta a aceitação das instruções da avó, provavelmente faltava-lhe espírito.

As portas abriram-se e o conde saiu para o exterior. Alto e louro, ainda não perdera completamente a magreza desajeitada da adolescência. Lançou à avó um olhar sério, ao passar por ela. E ela respondeu-lhe com uma expressão cerrada. A sua chegada não estava, aparentemente, nos planos da viúva.

Avançou para Adam, como um homem que saúda um amigo, mas as suas boas-vindas, apressadas e ruidosas, e o suor que lhe perlava a testa contavam uma história diferente. Theobald, conde de Marwood, tinha medo do seu convidado. Muitos homens tinham mostrado igual reação desde o regresso de Adam a Inglaterra, duas semanas antes. A sua reputação precedera-o e, aparentemente, a sociedade esperava que lançasse desafios a torto e a direito, à mínima provocação.



Adam nada fizera para corrigir tais suposições. Por um lado, era bem possível que lançasse uma ou dois desafios, dependendo do que viesse a descobrir em relação aos acontecimentos de há cinco anos. Por outro lado, havia homens, como Marwood, que eram mais maleáveis quando motivados pelo medo.

— Vejo que a avó já abordou a ideia desta aliança — disse Marwood, cordialmente. Baixou o olhar para a irmã, Emilia, que continuava sentada no jardim. Os dois eram muito parecidos: louros, pálidos, belos e jovens.

O conde não devia ter mais de vinte e um anos. Adam perguntou-se se Marwood conheceria o rumor que perseguira o pai de Adam até ao seu túmulo. O receio de Marwood sugeria que assim era, e que as suspeitas que Adam alimentava há muito, em relação a estes velhos inimigos, poderiam ser verdadeiras.

— Agrada-lhe a ideia? — perguntou Marwood.

A avó aproximou-se mais.

— Perdoe o meu neto. É ainda suficientemente jovem para acreditar que a impaciência impetuosa é uma virtude masculina.

Marwood olhou para o céu, como se rezasse por paciência.

— Por esta altura já sabe se a ideia lhe agrada ou não.

— A ideia agrada, em termos gerais — respondeu Adam. Não mentiu. Continuava a pesar as implicações do plano da viúva. Aquela oferta para virar, simplesmente, a página do passado tentava-o mais do que antecipara.

O jovem conde lançou à avó um olhar repleto de alegre otimismo. A viúva conseguiu manter um ar mais circunspeto.

Adam concentrou o olhar na rapariga. A viúva recuou. O conde deslizou para mais perto. Ansioso por finalizar as negociações, o conde elogiou os encantos da irmã, de homem para homem. Pelo canto do olho, Adam viu a viúva a abanar a cabeça perante a falta de tato do neto.

Um movimento no monte para lá do jardim prendeu o olhar de Adam. Uma veloz forma negra corria ao longo do cume, levantou voo sobre uma grande árvore caída, depois parou abruptamente. Uma mulher vestida de negro, sobre um cavalo negro, fitava a casa a partir do alto.

— Quem é aquela? — perguntou.

Marwood semicerrou os olhos e fingiu não a reconhecer. Olhou de relance para Adam e reconsiderou.

— Aquela é a minha meia-irmã, Clara. É filha da primeira esposa do meu pai.

A mancha negra chamada Clara conseguia transmitir uma boa dose de altivez, mesmo de longe. Conduzia o cavalo para trás e para a frente no cimo do monte, observando o espetáculo que se desenrolava em baixo, como se tivessem encenado uma reconstituição para a entreter.

Lembrava-se de Lady Clara Cheswick, embora nunca tivessem sido apresentados. Ela começara a frequentar os encontros sociais antes de ele ter deixado Inglaterra. De olhos brilhantes e enérgica. Tinham sido essas as impressões com que ficara de passagem.

— Ela não permite que o luto interfira com o seu prazer em montar — disse Adam.

— É provável que diga que é a sua maneira de honrar o nosso pai. Eles gostavam de montar juntos.

— Dado que ela é a mais velha, por que razão não me estão a oferecer a mão dela?

Marwood olhou de relance para a viúva, depois sorriu.

— Porque o objetivo é impedir que me mate, não é? — disse em voz baixa, com uma franqueza inesperada. — Não dar-lhe mais uma razão para o querer fazer.

Adam optou por não oferecer quaisquer garantias a Marwood quanto à sua sobrevivência. Deixaria que o pequeno conde se preocupasse.

— Agora está a deixar-me intrigado, não desencorajado.

Marwood curvou a cabeça e falou em tom confidente.

— Estou a fazer-lhe um grande favor ao falar-lhe com sinceridade. O meu pai estragou-a, fez-lhe todas as vontades e permitiu que desenvolvesse ideias que não se adequam às mulheres. Nunca exigiu que se casasse e agora acha que é algo abaixo dela. Deixou bastantes propriedades em seu nome, uma boa extensão de ricas quintas. — A voz dele tornou-se amarga na última frase. — Ela é minha irmã, mas não seria seu amigo se lhe cantasse louvores quando, na realidade, ela se assemelha a uma megera.

Aparentemente, Clara era a filha preferida do velho conde. Adam perguntou-se se o pai recentemente falecido ainda seria capaz de dar voltas na sua campa. Talvez com um empurrãozinho ou dois.

— Que idade tem?

— Já passou há muito a idade de casar. Tem vinte e quatro.

Idade suficiente para se lembrar. Era possível que soubesse muita coisa, se o pai a mantinha por perto.

— Chame-a até aqui. Gostaria de a conhecer.

— De verdade que não quer...

— Chame-a. E diga à sua outra irmã para pousar o livro. Os braços já lhe devem pesar como se fossem de chumbo.

Marwood correu para junto da avó para partilhar o pedido. A viúva aproximou-se de Adam, tentando parecer calma.

— Temo que não tenha compreendido. Para que esta aliança chegue a uma conclusão satisfatória, a noiva terá de ser Emilia. Embora o carácter de Clara esteja acima de qualquer censura, ela não se adequa a homem algum que deseje viver em harmonia doméstica.

— Pedi apenas para conhecer Lady Clara. Além disso, ainda não concordei com casamento algum.

— Antes de morrer, o meu filho falou comigo especificamente acerca desta aliança. Limito-me a executar as suas intenções. Ele disse que deveria ser Emilia...

— Ele quer conhecê-la, avó. — Exasperado, Marwood ergueu o braço e fez sinal à irmã Clara que se aproximasse.

O cavalo imobilizou-se. A mulher tinha visto e compreendido a indicação. Erguia-se naquele monte, o cavalo de perfil, a cabeça virada para eles, olhando para baixo. Depois puxou as rédeas com força. O cavalo ergueu-se nas patas traseiras, tão alto que Adam temeu que ela deslizesse da sela amazona. Em vez disso, manteve-se firmemente no lugar, ao mesmo tempo que fazia girar o cavalo. Virou-lhes as costas e galopou para longe.

A donzela acabara de o esbofetear a partir de uma distância de mais de quinhentos metros.

A expressão da viúva exibia um triunfo arrogante sob o véu de desilusão.

— Que pena não ter visto o sinal do meu neto.

— Ela viu-o perfeitamente.

— Admito que ela é um pouco voluntariosa. Eu avisei-o — disse Marwood.

— Não referiu que ela é rude, e desobediente, e rápida a insultar os outros, quando quer.

— Tenho a certeza de que não desejava insultá-lo. — Dirigiu um olhar desesperado à avó.

— Tem a certeza, é? Então, por favor, diga aos moços da estrebaria que tragam, de imediato, o meu cavalo até àquele portão no jardim. Irei apresentar-me pessoalmente a Lady Clara, para não ficar a pensar na ofensa não intencional e assim permitir que interfira com a nova amizade das nossas famílias. — Adam curvou a cabeça na direção da viúva. — Por favor, ofereça os meus cumprimentos a Lady Emilia. Estou certo de que eu e ela nos voltaremos a encontrar em breve.

## C A P Í T U L O   D O I S



**C**lara galopou uns bons três quilómetros para longe da casa. Em que estaria Theo a pensar, quando a chamou e acenou para que regressasse? Não estava vestida para receber um convidado. Pela postura rígida da avó, suspeitava de que só a Theo aquilo parecera uma boa ideia.

Refreou o cavalo e avançou para junto de um aglomerado de árvores. Afastando Theo da sua mente, desceu da sela para um toco de árvore, saltou para o chão e retirou do alforge um molho de papéis. Procurou um bom lugar sob uma árvore, sentou-se e virou a sua atenção para as páginas. Uma amiga sua, Althea, havia-lhas enviado no dia anterior, e ela precisava de as ler e devolver, juntamente com a sua opinião.

Mergulhou na prosa, anotando alguns comentários com um lápis que tinha enfiado no corpete. Absorta na sua leitura, não ergueu os olhos durante pelo menos meia hora. Quando o fez, constatou que já não estava só.

Um homem observava-a, a cerca de trinta metros. O cavalo branco contrastava com o casaco escuro e com o cabelo escuro. Este caía-lhe abaixo do colarinho e não apresentava qualquer sinal de ter sido cortado por um cabeleireiro conhecedor das mais recentes modas londrinas.

Reconheceu-o do terraço. Teve a sensação de talvez já o ter visto antes.

A visita de Theo havia-a seguido. Achou aquilo muito arrojado. O facto de ali ter ficado sentado, a observá-la, vinha apenas confirmar que não tinha maneiras.

Considerou regressar à sua leitura, depois concluiu que poderia não ser sensato. Uma coisa era fingir que não vira o gesto do irmão para que regressasse a casa, e outra era fingir que não vira um homem que se encontrava mesmo à sua frente.

Ele fez avançar o cavalo a passo. Agora, Clara conseguia vê-lo melhor. O desagrado endurecia-lhe o rosto, o que realçava os seus lábios cheios e sensuais. Os olhos escuros tiravam-lhe as medidas com bastante pormenor. O casaco preto não tinha o melhor corte para Londres, mas ela conhecia suficientemente bem as modas francesas para reconhecer que se adequava bastante a Paris. Usava ainda um lenço atado de modo casual.

Achou-o muito elegante, de um modo melancólico e poético. Tendo conhecido alguns homens de humores sombrios no passado, tinha pouco interesse em conhecer mais um, por muito elegante que pudesse ser.

Ele parou o cavalo a três metros de distância. Não desmontou, antes se ergueu sobre ela. Clara pensou levantar-se, para encurtar a distância, mas não o fez. Se a sua intenção era assustá-la, teria de fazer melhor do que aquilo.

— Bom dia, cavalheiro. — Ela permitiu que a sua voz lhe transmitisse o quão indesejável achava aquela intrusão.

Ele desceu do cavalo.

— Por favor, perdoe a falta de uma apresentação formal, mas duvido que se importe, já que é uma mulher que não se preocupa demasiado com estas coisas.

— Tenho a certeza de não compreender o que quer dizer com isso.

Os cantos da boca dele ergueram-se o suficiente para indicar que sabia que ela estava a mentir. De facto, aquele meio sorriso dava a entender que ele sabia tudo acerca dela.

— Ofendeu-me lá atrás, Lady Clara. É a isso que me refiro.

— Não é possível ofender alguém que não se conhece.

— Ainda assim, conseguiu fazê-lo.

Despótico seria uma palavra demasiado gentil para o descrever.

— Mencionou uma apresentação — disse ela, com um sorriso tenso. Ele inclinou levemente a cabeça.

— Chamo-me Stratton.

Stratton? O duque de Stratton? *Ali?* Teria Theo enlouquecido?

Não era de admirar que lhe tivesse parecido vagamente familiar. Vira-o há muitos anos, do outro lado de grandes salões de baile, antes de o pai ter falecido e ele ter deixado Inglaterra. Quando estivera pela última vez em Londres, há dez dias, tinha ouvido uma ou duas referências ao seu regresso, mas estava para lá da sua compreensão que Theo lhe tivesse permitido entrar na propriedade.

Ele aproximou-se e assumiu uma postura casual, mesmo ao lado dela, com um dos ombros encostados ao tronco da árvore. Cruzou os braços como um homem que espera uma longa conversa.

Ela ergueu-se, atabalhoadamente, apertando os papéis contra o peito para que não voassem pelo monte.

— Não fazia ideia de quem era. Mesmo que tivesse tentado adivinhar a identidade do homem que estava com o meu irmão, o seu nome jamais me teria ocorrido.

— Decerto que não. As nossas famílias são inimigas há décadas.

— O Theo está a deixar que o seu novo título lhe suba à cabeça, se o recebeu. A minha avó deve ter ficado em estado de choque.

— Foi a sua avó quem me convidou.

— Isso não é possível.

— A carta era dela, escrita pela sua própria mão. Foi deveras inesperado — disse em tom sarcástico.

Ela fitou-o de olhos semicerrados.

— No entanto, aceitou o seu convite.

— A sua avó já é um pilar da sociedade há mais tempo do que o que eu tenho de vida. As benfeitoras de Almack tremem na sua presença. Jamais insultaria alguém com tamanha influência.

Agora estava a meter-se com ela. Duvidava que se preocupasse minimamente com a influência social da avó dela. Não parecia um homem que estivesse disposto a pôr de parte o orgulho da família e tentasse que a avó dela intercedesse a seu favor.

Devia arrumar o artigo de Althea e sair. No entanto, a curiosidade levava a melhor sobre ela.

— Porque é que ela o convidou?

— Propôs um casamento dinástico com a sua irmã, para pôr fim à animosidade. Para enterrar o passado. — De novo aquele meio sorriso. — Pode imaginar o meu espanto. Foi muito semelhante ao que está a sentir agora.

Chamar-lhe espanto não era justo para com a sua reação. Tudo aquilo estava a ficar cada vez mais estranho. E também cada vez mais irritante. Sentiu-se duplamente traída. Primeiro, em nome do pai, que jamais teria aprovado tal ideia. Em segundo, em seu próprio nome, pois nada daquilo lhe fora revelado, nem muito menos fora consultada. A avó devia ter recorrido a toda a sua força de vontade para manter aquilo em segredo, dado que nem Emilia lho confidenciara.

— Quando será, então, anunciado o noivado? — Deixou que o seu forte ceticismo se fundisse com o tom sarcástico.

— Ainda não concordei com o enlace.

— A minha irmã é tanto bela como inteligente. Daria uma duquesa esplêndida, mas não para si. Fico aliviada por lhe faltar poder de decisão.

— Não me culpe pela demora em decidir qual a minha opinião acerca da questão. Ali estava eu, a tomar a minha decisão em relação a uma encantadora pomba, quando um corvo negro voou sobre mim e me distraiu.

*Corvo? Ora, o...*

— Depois, o corvo bateu as asas à minha frente, virou-me a cauda e voou para longe. — Aproximou-se até se erguer sobre ela. — Nunca viro as costas a um desafio, Lady Clara.

Se achava que ela ia tremer e corar, estava enganado. Ela estremeceu ligeiramente, ao mesmo tempo que se apercebia de que o comportamento dele transmitia uma boa dose de mistério e excitação e que os seus olhos escuros e profundos tinham camadas que a atraíam a ponto de quase a afogarem. A proximidade e o olhar dele deixaram-na incapaz de falar durante um momento embaraçoso. Talvez também tivesse corado um pouco.

— Mais valia ter apanhado a pomba enquanto podia — disse ela.

— Agora terei tempo de recordar à minha avó que não servirá para ela.



— Servirei perfeitamente para os seus propósitos.

— E que são?

— Não sabe? — Ele inclinou ligeiramente a cabeça. — Talvez não saiba.

Começou a sentir-se estranha, ali, tão perto dele. Experimentou uma mistura de alarme e... regozijo. Ela recuou e esforçou-se por manter nos braços a pilha de papéis.

— Com licença.

Ela avançou para o cavalo. A figura alta e esguia dele depressa se colocou ao seu lado e os passos das suas botas faziam-se ouvir juntamente com os dela.

— Vai partir sem sequer me desejar bom dia? Parece estar determinada a insultar-me.

— Estaria no meu direito se quisesse disparar sobre si, ainda mais insultá-lo. Entrou sem autorização nesta propriedade, independentemente do que a minha avó, dominada pela dor, possa ter dito. Cruzou a fronteira entre as terras do meu irmão e as minhas há perto de quinhentos metros.

— E eu teria o direito de usar o meu chicote na sua bela cauda em resposta ao seu comportamento.

Ela parou de andar e fitou-o.

— Uma tal ameaça está para lá dos limites do razoável. Experimente e poderá ter a certeza de que dispararei sobre si. Não duvide. Não sou uma dessas mulheres que estremecem perante a tola bravata masculina. Qualquer cavalheiro com a educação adequada teria permitido que o equívoco em relação às instruções do meu irmão tivesse passado. É ultrajante que se tenha sentido no direito de me seguir e, depois, me reпреnda. Agora, seguirei o meu caminho e poderá seguir também o seu.

Ela avançou para o cavalo a passos largos. Ele acelerou para se colocar de novo ao seu lado. Quis bater-lhe com o manuscrito de Althea, de tal modo ele a irritava.

— É escritora? — Estendeu a mão e tocou nos cantos das páginas. Aquele gesto aproximou o braço dele do corpo dela. Um arrepio interior quase a fez saltar para longe.

— Foi uma amiga quem escreveu isto. Trata-se de um ensaio sobre... — Calou-se. — Estou certa de que não o interessaria.

— Talvez interessasse.

— Então tenho a certeza de que *não tem nada que ver com isso*.

— Não é escritora, mas é sabichona.

— Oh, como odeio essa palavra. — Enfiou as páginas no alforge. — Acabou de passar vários anos em França. Eles são famosos por celebrarem as mulheres de cultura. Se me atribui tal epíteto só por me ter visto a ler, parece não ter aprendido muito enquanto lá esteve, para além de como ser irritante.

Ela pegou nas rédeas e alinhou o cavalo.

— Deixe-me ajudá-la. — Ele aproximou-se.

— Por favor, vá-se embora. — Ela subiu rapidamente para o toco da árvore. Com um salto e um puxão colocou-se em cima da sela.

— Admiravelmente executado, Lady Clara. Vejo que é independente em todas as coisas.

Ela engoliu um resmoneio perante tal cumprimento.

— Acha-me tola a ponto de descer de um cavalo se não tivesse como voltar a montar?

Ela virou o cavalo para se afastar, mas viu a expressão do duque. O humor suavizava ligeiramente o seu rosto, mas no interior da sua mente, por detrás daqueles olhos escuros, formavam-se novos cálculos.

**A**dam observou Lady Clara a cavalgar para longe. Que mulher provocadora. Também ela de olhos brilhantes e enérgica, mas também mais encantadora, com uma tez cremosa e madeixas de fogo por entre o cabelo castanho.

Espirituosa. Demasiado espirituosa, diria a maioria dos homens. Ele não era como eles. Gostava de mulheres espirituosas, senhoras de si. Preferia que não o tratassem com desdém, claro. Desculpá-la-ia. Desta vez. Os planos da viúva haviam apanhado Lady Clara desprevenida — tal como a ele — e a inimizade entre as duas famílias tornava compreensível a sua rudeza.

Também a desculparia porque a desejara mal a vira sob aquela árvore e ainda mais quando se despediram. O desejo encorajava sempre a generosidade.

Ele montou, mas cavalgou para leste, não de volta a casa de Marwood, a oeste. Não tinha necessidade de lá regressar ou à estrada.

Se continuasse naquela direção durante mais alguns quilómetros, em breve chegaria às suas próprias terras.

Atravessou quintas bem cuidadas e passou por um lugarejo composto por algumas casas. Tratar-se-ia ainda da propriedade de Lady Clara? Se assim fosse, o legado do pai fora significativo. Não era de admirar que Marwood falasse dele com ressentimento.

Só quando atingiu o cume de uma pequena elevação no terreno compreendeu exatamente onde se encontrava. Reconheceu a vila de que se aproximava pelo lado do moinho. Conseguia distinguir o largo riacho que serpenteava a norte e a sul. A propriedade dos Marwood tocava na sua em alguns pontos ao longo daquele riacho.

Trotou o seu cavalo em frente, pensando na proposta da viúva, tal como fora delineada pelo falecido conde. O conde tinha as suas razões para procurar um tratado de paz. Adam achava que sabia quais eram. Mas, aparentemente, nem perto da morte o caráter de um homem se alterava.

O último conde urdira os seus planos para procurar garantir que vencia uma antiga disputa, ao mesmo tempo que pedia à mãe que oferecesse um ramo de oliveira na esperança de proteger o filho.

Clara atou uma fita em redor do ensaio de Althea e acrescentou-lhe, por cima, a página de notas que redigira. Althea era uma boa escritora. No entanto, quando se preocupava profundamente com uma causa ou acontecimento, tendia a ultrapassar a opinião e a cair na polémica. Não seria preciso muito para que o texto deixasse de exibir essa falha.

Guardou-o numa gaveta baixa da secretária que usava na biblioteca. Enquanto o fazia, o irmão Theo entrou na divisão, viu-a e fitou-a. Depois, dirigiu-se às garrafas de cristal e serviu-se de um pouco de *brandy*.

— Estragaste tudo — disse ele, por entre os dentes cerrados. — Tudo estava bem encaminhado e tiveste de o insultar a ponto de o levar a esquecer tudo o resto.

Ao regressar, Clara não havia visto nem Theo nem a avó, pelo que aquela era a primeira oportunidade que o irmão tinha de a repreender. Não que ela lho fosse permitir.

— Se me tivesses dito que ias receber o Stratton, ter-me-ia mantido bem longe, garanto-te.

— A ideia foi da avó, mas tinha a sua razão de ser.

— O papá jamais teria aprovado. A existir uma reaproximação entre as nossas famílias, que sejam eles a dar o primeiro passo.

Ele sorriu para o copo de *brandy*, depois para ela.

— Não foste muitas vezes a Londres neste último meio ano. Não participaste de todo da sociedade enquanto estiveste de luto. Pelo que não ouviste falar dele, pois não?

— De qualquer maneira, não teria prestado atenção, porque nada tem que ver comigo. Com qualquer um de nós. Assim tem sido, pelo menos, desde o tempo do avô. — Ela fora criada com aquela lição. O pai dela (o seu querido papá) não precisara de falar muito sobre isso para transmitir a tradição de azedume da família.

— Infelizmente, ele não é como o pai. Ou como qualquer um dos outros. Ele é... perigoso.

Ela riu.

— Não me pareceu perigoso. — Só que parecera. Toda aquela melancolia tivera nisso grande influência. Se o voltasse a ver, far-lhe-ia cócegas até que se risse como um tolo, só para derrotar o poder do escuro estado de espírito que levava consigo.

— Ele não é perigoso para as *mulheres*. — A voz de Theo pingava sarcasmo.

Bem, Clara também não tinha a certeza de concordar com isso.

— Ele é um duelista, Clara. Já matou dois homens, e quase um terceiro. Em França. A mais pequena provocação, e ele desafia os homens. Ele não recuará. Consta que regressou a Inglaterra porque as autoridades francesas lhe disseram que tinha de abandonar o país. — Theo bebeu o que restava do seu *brandy*. — Ele é um assassino.

A postura de Theo foi-se tornando mais baixa, enquanto falava. De sobrolho franzido. Os olhos azuis assumiram uma expressão distante, fixa no nada. Clara era mais velha do que Theo três anos, e vira-o crescer. Percebia que o irmão estava com medo.

Ela levantou-se e aproximou-se dele.

— Dificilmente irá matar-te, Theo. Não por causa de uma velha

disputa de família, que começou antes de qualquer um de vocês ter nascido.

— Que melhor maneira de ganhar essa disputa? Uma palavra errada, um olhar errado, e ele terá a sua desculpa.

— Estás a ser demasiado dramático.

— A avó concorda. Troça do meu julgamento, se quiseres, mas serás assim tão rápida a troçar do dela?

A explicação que Stratton oferecera da sua visita fazia agora sentido, mas de uma maneira assaz ridícula. O sofrimento da avó dera uma volta infeliz, se via tamanha ameaça no duque. Quanto a Theo... Era corajoso quando o perigo era pequeno, mas tornava-se menos quando as ameaças começavam a voar.

— Presumo que a ideia fosse que, sendo tu seu cunhado, ele nunca desejaria desafiar-te para um duelo — disse ela. — Este é um preço alto a pagar pela paz, irmão. E quanto a Emilia? Se ele tem um tal temperamento, será justo para ela uni-la a tal pessoa?

— Eu disse que ele não era perigoso para as mulheres, não disse?

— Não tens a certeza disso. Se nem sequer nos conseguimos sentar à mesma mesa que essa família, não devíamos organizar alianças com ela.

— A avó...

— Agora és tu o conde. Tens de pensar por ti mesmo.

— Que conselho mais ridículo, Clara. Ele mal saiu da escola. — A avó entrou na biblioteca, enquanto falava. — Não vou permitir que compliques ainda mais a questão, incitando o Theo a uma independência inconveniente dos meus conselhos.

— Já tenho vinte e um — murmurou Theo, corando.

— Tens? Bem, um ano a mais ou a menos quase não tem significado.

— Não estou a complicar nada — disse Clara.

A avó sentou-se. De costas direitas e cabeça ligeiramente inclinada, assumia a postura de rainha de todos os que via. Nessa altura, isso incluía Clara.

— O teu comportamento, hoje, implicou a partida do conde antes que eu... que nós conseguíssemos chegar a acordo. Se isso não é uma complicação, o que é?

— Uma pausa. Para Emília. Para todos nós, enquanto reconsideras essa ideia extraordinária de a casar com aquele homem.

— A mim pareceu-me bastante adequado. Demasiado francês, mas o que se poderia esperar com uma mãe como aquela, e o facto de ter permanecido todo este tempo no estrangeiro? Ainda assim, dentro de poucas semanas, retomará o devido papel na vida e fará tudo o que estiver ao seu alcance para reclamar o seu lugar entre nós. Ele sabe que precisa de se casar com uma rapariga que tenha a genealogia impecável da tua irmã, e nós beneficiaremos por tê-lo perto, de modo a podermos mantê-lo debaixo de olho para que não magoe Theo.

— Não podes pensar que ele seria um perigo para o meu irmão. Será que perderam todos o juízo?

— Como sempre, presumes saber tudo porque o meu filho te tratava como sua preferida. No entanto, há muito que não compreendes. Não dou este passo de ânimo leve. Não permitirei que nada aconteça a Theo, em especial sendo o seu suposto herdeiro aquele primo insuportável. Deixa isto comigo, Clara. Emilia casar-se-á com Stratton e tudo ficará bem.

Não fosse Clara não gostar da maneira como pronunciara a última palavra, a avó ergueu um livro, abriu-o, empoleirou os óculos no nariz, e começou a ler.

Clara olhou para Theo, na esperança de encontrar ali um aliado para as suas objeções.

Ele virou-se para se servir de mais um *brandy*.